

O problema da Salvação pela Graça

Não vos enganeis; Deus não se deixa escarnecer; pois tudo o que o homem semear, isso também ceifará. (Gl 6:7)

Certo dia, assistíamos ao filme O Auto da Compadecida, com os talentosos Matheus Nachtergaele, Selton Mello e outros, e nos deparamos com o seguinte diálogo de um Bispo com um cangaceiro, que estava prestes a assassiná-lo, juntamente com um padre:

Cangaceiro: - Eu queria que antes de atirar o senhor me perdoasse os meus pecados, vixe?

Bispo: - Mas para perdoar, antes você tem que se arrepender e desistir de nos matar.

Cangaceiro (com sarcasmo): - Me arrependo depois...

Esse diálogo nos sugere algumas reflexões: O que dava tanta certeza ao cangaceiro que, após matar pessoas, seria impunemente perdoado? O que o fazia ter a certeza que poderia adiar impunemente o seu arrependimento para depois dos assassinatos? A resposta encontra-se em uma teologia pregada pelas Igrejas ditas Cristãs há séculos, conhecida como Salvação pela Graça.

Em linhas gerais, ela diz que o pecador, uma vez arrependido, que confessasse os seus pecados e aceitasse Jesus Cristo, seria perdoado sem ter que responder por seus crimes ou reparar os seus danos a outrem. Que Deus, Todo Misericordioso, não submeteria o ex-pecador à humilhação de ter que pagar pelos seus erros e restituir a todos aqueles a quem causou prejuízo.

Mas o resultado prático é que essa doutrina, em princípio bem intencionada, ao invés de conter o mal, serve de justificativa indireta para qualquer tipo de pecado cometido pelos seus seguidores. Um malfeitor, se for cristão convicto, pode sempre adiar o arrependimento por mais um dia, e mais um, e mais um...e nesse meio tempo, dar vazão ilimitada a todas as suas paixões inferiores.

Essa situação é mais grave do que parece à primeira vista. Se analisarmos o passado, provavelmente encontraremos na doutrina da Salvação pela Graça a justificativa básica das maiores atrocidades cometidas pelos cristãos em todos os tempos.

Algumas outras doutrinas, como o Espiritismo, afirmam de forma veemente que a doutrina da Salvação pela Graça é uma infantil ilusão; que todos os arrependidos, mesmo arrependidos, deverão expiar e reparar todos os males que fizeram até "o último ceutil", como dizia Jesus; e que quem mais males praticar, mais reparará. Por conta dessas e outras, o Espiritismo é declarado obra do demônio. Vamos analisar, então, sob o ponto de vista da Bondade, Justiça e Misericórdia Divinas, se a Salvação pela Graça tem sustentação lógica.

Sabemos que Deus é Bom, Justo e Misericordioso (com letras maiúsculas). Seria injustiça da parte de Deus o fato de ele cobrar de cada um aquilo que lhe deve? Seria injusto que um ladrão apanhado em roubo fosse obrigado a restituir o que roubou às suas vítimas?

Seria injusto que um malfeitor cumprisse uma pena justa, proporcional ao delito praticado? O credor pode se abster de cobrar a dívida, mas não estaria sendo injusto se a cobrasse. Aliás, injusto seria se deixasse de cobrar de uns e cobrasse de outros.

Alguns dizem que o fato de Deus cobrar o que lhe devem, mesmo não sendo uma injustiça, seria falta de bondade e misericórdia. Mas ao mesmo tempo propõem que, todos aqueles, que mesmo sendo bons e justos, não aceitem o "deus" particular dos cristãos, em outras palavras – Jesus Cristo – sejam condenados a uma eternidade de tormentos e afastamento de Deus. Estranhas noções de Bondade, Justiça e Misericórdia Divinas. O Deus dos ditos "cristãos" não parece equânime na distribuição das recompensas e punições.

Analisemos ainda as consequências dessa doutrina para os justos e para os pecadores aqui, na vida terrena. De que serve a Salvação pela Graça para aquela pessoa de poucos pecados; para aquela que se esforça em viver os preceitos do Cristo? De nada!!! O justo não precisa do perdão gratuito porque ele não peca. Mas então dirão: "Não há justos! Todos somos pecadores!". Concordamos. Mas há aqueles cujos pecados resultariam numa punição/reparação insignificantes, sendo a Salvação pela Graça praticamente inútil e sem sentido para eles.

Por outro lado, para uma pessoa cheia de pecados e tendente ao pecado, como o cangaceiro do filme, a Salvação pela Graça é um incentivo aos maus atos. Imagine poder fazer o que quiser e depois ser perdoado de graça num confessionário, em troca de uns "Padre Nosso" e algumas "Ave Maria"? As Igrejas Protestantes, então, nem isso exigem. Então, percebemos que a Salvação pela Graça fornece justificção para os pecadores, enquanto que é inútil para os justos. Aceitá-la seria dizer que Deus incentiva o pecado. Ela funciona como o Pai que mima os seus filhos, sempre passando a mão sobre suas cabeças quando cometem erros ao invés de corrigi-los, ao passo que não é capaz de recompensar os bons filhos.

É por esses motivos que julgamos essa doutrina uma lepra que corrói as nossas sociedades e, se dependesse de nossa opinião, ela seria definitivamente erradicada da teologia de qualquer religião, seja ou não cristã.

Rafael Gasparini Moreira
Paulínia/SP
e-mail: rafael.gasparini@gmail.com
maio/2007 (revisado em dez/2007)